
Educação escolar brasileira e o mundo de Oz

Ricardo Moreira Figueiredo Filho*

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar e refletir sobre algumas características gerais da educação escolar brasileira na atualidade, embora seja impossível generalizar todas as áreas, cursos e seus vieses. Entretanto, já há dados estatísticos paradoxais e práticas cotidianas vivenciadas em vários setores econômicos que se expandiram nos últimos anos. Esses demonstram ausências de mão-de-obra qualificada, tanto a nível de graduação como técnico, reflexo de um país que vive um descompasso entre crescimento econômico e a melhoria do nível de sua educação acadêmica. Aborda-se também o anacronismo ideológico do conceito de “curso superior” ao se referir às graduações e a confusão existente entre educação familiar e educação escolar, mesmo que, muitas vezes, essas se interliguem dialéticamente, os papéis sócio-profissionais dos professores têm se dilatado. Além da importância do lúdico, da auto-estima, do desejo e da persistência durante os processos de construção de conhecimentos, tendo como instrumento simbólico-metodológico o filme **O Mágico de Oz**.

Palavras-chave: Educação escolar; Paradoxos; Responsabilidade Social; Cinema.

1 Introdução

*Somewhere over the rainbow
Bluebirds fly.*

*Birds fly over the rainbow.
Why then, oh, why can't I?*

Em algum lugar sobre o arco-íris
Pássaros voam.

Pássaros voam sobre o arco-íris
Por que, então, ah, por que eu não posso?

*If happy little bluebirds fly
Beyond the rainbow
Why, oh, why can't I?*

Se felizes pequenos pássaros azuis voam
Além do arco-íris
Por que, ah, por que eu não posso?¹

Duas características marcantes distinguem o Brasil dos demais países do globo neste início do século XXI: a baixa escolaridade média da força de trabalho comparada a países em mesmo estágio de desenvolvimento e a elevada desigualdade de renda observada no país. Para Guimarães e

¹ Parte da letra da música *Over the Rainbow*, composta por Harold Arlen e letra de E.Y. Harburg. (Tradução do autor).

* Mestre em História Cultural pela Faculdade de Letras do Porto – Portugal. Professor de História das Revoluções das Faculdades Arnaldo Jansen e Professor Substituto de História da Arte e Formação do Mundo Contemporâneo da PUC Minas. E-mail: ricardomoreirafigueiredo@yahoo.com.br

Veloso (2005, p. 378), “há evidências de que a desigualdade de renda no Brasil é alimentada pela elevada desigualdade educacional da força de trabalho. O país está em terceiro lugar no *ranking* de desigualdade educacional”.

Paradoxalmente, esse quadro promove uma alta taxa de retorno em relação à educação, ou seja, o aumento de salário resultante de um ano adicional de estudo, é bastante elevado. O Brasil se encontra em nono lugar do *ranking* de “prêmios” à escolaridade, sendo que a diferença maior de salário se encontra entre trabalhadores com Terceiro Grau completo e trabalhadores com Ensino Médio completo.

O que aparentemente poderia ser um fator positivo, inclusive um incentivador para os alunos continuarem por mais tempo nas escolas, não o é a partir do momento que deixa de ser uma questão de escolha. Embora as estatísticas sobre o tema tenham melhorado, em 2000, menos de 8% dos brasileiros possuíam nível acadêmico universitário, o que nos leva a crer que esse dado reflete fatores que vão além do desejo de fazer ou não um curso universitário.

Ano	Sem Escolaridade (%)	Ensino Fundamental (%)	Ensino Médio (%)	Ensino Superior (%)
1960	47,5	36,4	14,3	1,8
1965	43,2	41,7	13,4	1,7
1970	37,5	47,4	13,5	1,7
1975	26,9	61,6	7,7	3,8
1980	27,5	59,0	9,3	4,3
1985	26,1	60,1	8,6	5,3
1990	18,7	63,9	11,3	6,1
1995	17,7	64,0	11,6	6,7
2000	16,0	62,2	14,4	7,5

Fonte: Barro e Lee (2000).

Fonte: Guimarães e Veloso (2005, p. 382).

Ao analisar o gráfico de Barro e Lee, percebe-se que entre 1980 e 1990 ocorreu um aumento de 162,7 mil matrículas nas faculdades e ou universidades, correspondendo a uma expansão de apenas 12%. Em contrapartida, entre 1990 e 2000 houve um aumento de 1,154 milhão de matrículas nesse nível, correspondendo a um crescimento de 75%. (GUIMARÃES; VELOSO, 2005, p. 378).

Nessa direção, outra questão relevante seria refletir sobre a qualidade de ensino no país. Em relação aos bacharéis e licenciados, hoje já se vive outra contradição, a falta de mão de obra qualificada em vários setores, o que emperra o potencial de desenvolvimento do Brasil. Veem-se inclusive alguns *métiers* produtivos a importar trabalhadores de outros países da América Latina, Europa e Estados Unidos.

Em artigo intitulado O Brasil enfrenta “*apagão*” de mão de obra qualificada, publicado no jornal Folha de S. Paulo, Sofia denuncia que:

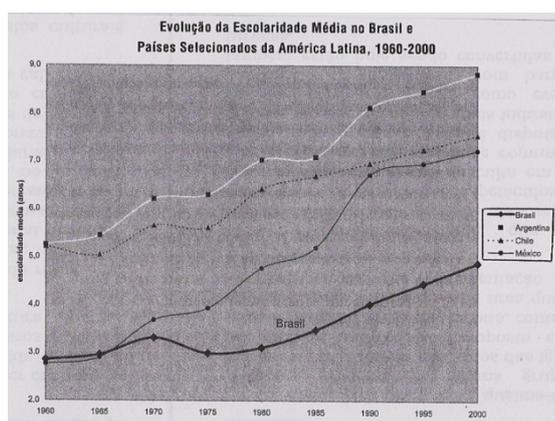
Apesar do estrago causado pela crise global na geração de empregos formais em 2009 (pior saldo anual desde 2003), a oferta de vagas nas agências do Sine foi a maior da década: 2,7 milhões. A taxa de preenchimento de empregos apurada pelo Sine ficou em 39%, ante 42% em 2008 e 48% em 2007. Esse indicador considera a relação entre o número de vagas disponíveis na rede e o total de pessoas que conseguiram colocação no mercado por meio do sistema público. Em 2008, o excedente de vagas atingiu 1,458 milhão. O principal motivo para o não preenchimento dos postos é a falta de qualificação da mão de obra, o que compreende baixo nível de escolaridade, carência de preparo técnico e pouca experiência. [...] A tendência é que a situação se agrave neste ano, quando são esperados aumento da atividade econômica e maior oferta de emprego. A dificuldade de as empresas encontrarem trabalhadores qualificados já é considerada um gargalo comparável à falta de infra-estruturar/logística e à elevada carga tributária. (SOFIA, 2010).

O exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que reprova semestralmente números estratosféricos de graduados em Direito, pode ser considerado uma espécie de termômetro metafórico das estatísticas acima. De acordo com o presidente da Comissão de Estágio e Exame de Ordem da OAB-SP,

Braz Martins Neto, “de cada três bacharéis, só um consegue ser advogado” (MATSUURA, 2008), ou seja, passar no exame.

Todavia, nos últimos quinze anos, houve um aumento considerável do número de Faculdades que oferecem esse curso. Atualmente, somente na grande Belo Horizonte há cerca de 39 Faculdades de Direito², sendo que algumas chegam a abrir três turmas por semestre. O que faz dessa realidade algo, no mínimo, obscura e ilógica mercadologicamente.

O gráfico abaixo, retirado de Guimarães e Veloso, demonstra que, mesmo comparado a seus vizinhos e sendo a maior economia da América Latina, no âmbito educacional, o Brasil fica muito a desejar:



Fonte: Guimarães e Veloso (2005, p. 381).

A partir desse contexto sócio-econômico-educacional, propõe-se analisar algumas características gerais da educação escolar brasileira na atualidade, tendo como instrumento simbólico-metodológico o filme **O Mágico de Oz**³, baseado no livro infantil homônimo de L. Frank Baum, dirigido por Victor Fleming e estreado em 1939.

Por uma questão didática e de análise pedagógico-filosófica, além da introdução e “conclusão”, o artigo foi dividido em três partes: Educação em Oz como metáfora do Imaginário,

2 Dado levantado pelo autor.

3 O que, por não ser homogênea, poderia ser dita no plural: educações escolares brasileiras.

como metáfora da Construção e como metáfora da Reflexão Do Ensino Escolar.

2 Educação em Oz como Metáfora do Imaginário

O filme *O Mágico de Oz* narra a história de uma sonhadora adolescente, *Dorothy Gale*, que, ao lado de seu cachorro Totó, percebe e reflete sobre as nuances de seu cotidiano e vive a imaginar mundos mágicos e distantes da fazenda onde vive com seus tios no Kansas (EUA).

Dorothy tem uma vida simples e afetuosa, principalmente por parte de sua tia *Em* e de seu tio *Henry*, além do respeito e carinho dos funcionários da fazenda. O que não impede que sua família seja enérgica e deixe claro alguns limites e deveres.

Nesse sentido, apesar de as análises culturais serem intrinsecamente incompletas (GEERTZ, 1989, p. 20), para se constituírem sociedades éticas, faz-se necessária a percepção dos vários limites morais, das regras sociais e a transcendência de si mesmo, dos mundos em que estamos inseridos e alimentamos dialeticamente.

Levando-se em consideração que esses parâmetros são necessários para uma educação socialmente compromissada, Dorothy apresenta três características relevantes que se interligam, ela é querida e acreditada por seus referenciais “paternos”, limites lhes são colocados, apesar da existência de espaços para o diálogo e negociações e essa consegue transcender suas realidades e buscar a compreensão de si mesma⁴, além de desejar a construção de um mundo melhor.

4 Para Pinto (1998, p. 5), o preceito délfico, o “conhece-te a ti mesmo” continua sendo ainda um enigma e uma proposta de busca constante de entendimento para aqueles que desejam “descobrir” o sentido do seu existir.

Contudo, diante dos contratemplos gerados por ela mesma e por seu cãozinho, que invadiu o jardim da impaciente Senhora *Gulch*, o que pode ser analisado como uma metáfora do que vários adolescentes chamariam de “problema”, a garota começou a imaginar a possibilidade de existência de um local onde não haja contratemplos. E em uma cena marcante da história do cinema, ao lado do celeiro, com Totó sobre uma charrete, canta a música *Over the Rainbow*.

A situação se tornou mais tensa para Dorothy quando a Senhora *Gulch* conseguiu uma ordem do xerife para levar (“prender”) seu cachorro. Porém, o canídeo fugiu da cesta colocada na “garupa” da bicicleta conduzida pela referida Senhora e voltou para seu quarto. Nesse momento, a garota resolveu, efetivamente, fugir de casa. Organizou sua valise e se pôs na estrada junto com seu companheiro.

Depois de percorridos alguns quilômetros, se deparou com uma carroça pintada com os dizeres: “**Professor Marvel – Aclamado por multidões da Europa (Passado, Presente, Futuro)**”. O dito Professor apareceu e, muito gentilmente, convidou Dorothy para um lanche. A garota agradeceu e, observador, Marvel indagou (em tom de afirmação) se a menina havia fugido de casa.

A garota se surpreendeu e perguntou como o mesmo havia adivinhado. Ele se gabou e respondeu: “Eu não adivinho, eu sei”. Impressionada, a adolescente demandou se não poderia seguir viagem em sua companhia para a Europa. Marvel afirmou que, antes de qualquer decisão, precisava consultar sua bola de cristal, virou-se para Dorothy e a convidou para entrar em sua carroça.

Dentro do veículo, o Mágico contou uma estória sobre seu objeto místico, que foi utilizado pelos sacerdotes de Ísis e Osíris nos

tempos dos faraós egípcios, que foi através desse que Cleópatra, pela primeira vez, viu Júlio César e Marco Antônio, etc. Depois, pediu para a rapariga fechar os olhos e, sem que essa percebesse, retirou de sua bolsa uma fotografia que registrava a imagem da mesma abraçada com sua tia.

A partir de então, apesar de “bem intencionado”, inventou que estava vendo através da bola uma Senhora (com as características da tia *Em*) a chorar e a colocar a mão sobre o coração. Dorothy ficou desesperada e voltou correndo para casa. Entretanto, um furacão atingiu a fazenda, a garota não conseguiu entrar no abrigo, enquanto uma janela se soltou e foi de encontro à sua cabeça, desfalecendo-a. Nesse momento, começou sua “viagem” ao mundo de Oz.

Ao analisar o comportamento de Marvel e a volta de Dorothy, mesmo sabendo que as artes possibilitam interpretações variadas, tendo como foco as construções didático-pedagógicas, Hernández (1998, p. 50) afirma que os alunos deveriam ser ensinados ou incentivados a pesquisar e refletir sobre seus problemas pessoais, sociais e ambientais a partir de situações da vida real.

Nessa perspectiva, apesar de aparentemente tentar ajudar a garota, Marvel se mostrou irresponsável e desonesto, pois, além das mentiras, que poderiam ter gerado consequências desastrosas, ainda remexeu e retirou da bolsa da menina um objeto que não lhe pertencia.

O imaginário como os sonhos, deveria ser nutrido com exemplos e conselhos idôneos e racionais, para que pudesse se tornar realidade transformadora, consistente e ética. Esses não são sinônimos de farsas. Porém, os caminhos para uma educação responsável nem sempre são fáceis, muitas vezes é menos desgastante

e mais prático utilizar estratégias enganosas, negligentes e imediatistas ao tentar solucionar uma problematização a assumir, junto com os alunos, posturas maiêuticas⁵, para que, de forma crítica e criadora, participem de processos de reinvenção social. (FREIRE, 1994, p. 40).

3 Educação em Oz como Metáfora da Construção

Ao acordar, Dorothy se viu em casa, mas a mesma voava dentro do furacão e, quando pousou, a garota já estava em outro mundo, no Mundo de Oz, mais especificamente na *Terra de Munchkin*. As cores, as flores, as texturas e os detalhes encantaram a menina. E em meio a esse deleite, surgiram vários anões, os *Munchkins* e a bruxa do norte, Glinda.

Glinda, gentil e prestativa, perguntou a Dorothy se também era uma bruxa. A menina ficou furiosa, pois para ela as bruxas eram más, velhas e feias. Embora padrões estéticos sejam relativos, a bruxa do norte lhe explicou que “feias” são somente as bruxas más e que daquele momento em diante ela era considerada uma heroína pelos *Munchkins*, pois sua casa havia pousado em cima da bruxa má do leste, matando-a.

Uma grande confraternização teve início, interrompida temporariamente com o aparecimento da bruxa má do oeste, que não por acaso é interpretada pela mesma atriz que faz o papel da Senhora *Gulch*, Margaret Hamilton. A bruxa má percebeu que sua irmã estava morta, apenas com parte das pernas e os pés para fora da casa e tentou pegar seus sapatos mágicos, porém, antes que essa o fizesse, através de um encanto, Glinda os

“calçou” nos pés de Dorothy, o que deixou a bruxa do oeste furiosa, pois, calçando os sapatos de rubi vermelhos, a bruxa não teria poderes para destruir a garota.

A bruxa do oeste ameaçou Dorothy e desapareceu, o que deu continuidade às comemorações e à proclamação do dia de independência dos *Munchkins*. Entretanto, a menina do Kansas, que tanto queria conhecer outros mundos, já saudosa de sua família e de seu lar, perguntou a Glinda como voltar para casa. A mesma lhe deu um beijo, disse que o Mágico de Oz a poderia ajudar, mostrou-lhe o longo caminho até a Cidade de Oz⁶ e desapareceu, voltando a aparecer novamente, somente quando Dorothy realmente precisou de sua ajuda.

Pedagogicamente, essa passagem é muito ilustrativa. Primeiramente, houve uma quebra do paradigma maniqueísta silogista⁷ referente à ideia de que toda bruxa é má e ou feia, o que poderia ser utilizado como ferramenta de análise diante da conotação generalizada referente às pessoas que habitam as favelas brasileiras que, muitas vezes, são tidas como marginais pelo simples fato de morarem nos aglomerados.

Outro aspecto que chama atenção é o comportamento de Glinda em relação a Dorothy. Essa lhe demonstrou afeto, ofereceu-lhe os sapatos, mostrou-lhe o caminho e, temporariamente, saiu de cena, o que permitiu à garota, uma vez orientada, percorrer a estrada de tijolos amarelos com seus próprios pés, sem ser bombardeada por excessos de informações ou zelos. Além

6 A estrada de tijolos amarelos

7 Silogismo: “segundo o *aristotelismo*, raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas premissas, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada conclusão (p. ex.: “todos os homens são mortais; os gregos são homens; logo, os gregos são mortais” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001)

5 “Método *socrático* que consiste na multiplicação de perguntas, induzindo o interlocutor na descoberta de suas próprias verdades e na conceituação geral de um objeto.” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001)

disso, o caminho era longo, não era possível pular etapas ou encontrar atalhos, um passo deveria ser dado de cada vez.

Hall (2001, p. 14) sustenta que “as sociedades modernas são, por definição, sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes”. Enquanto Otaviano Paz citado por Berman lamenta que a modernidade:

[...] tenha sido cortada do passado e tenha de ir continuamente saltando para frente, num ritmo vertiginoso que não lhe permite deitar raízes, que obriga meramente a sobreviver de um dia para o outro: a modernidade se tornou incapaz de retornar a suas origens para, então, recuperar seus poderes de renovação. (PAZ apud BERMAN, 1986, p.34).

Nesse contexto social, marcado pelo efêmero, pelo *fast food* e pelo *delivery*, surgem grandes desafios educacionais. Em meio a milhares de informações que circulam com grande velocidade, luzes, publicidades e novas tecnologias, privilegiar a construção de conhecimentos e não apenas a reprodução de fatos se tornou uma tarefa quase hercúlea. Para isso, são necessários tempo, reflexão, autoestima, desejos, debates e a **digestão**, pelo menos em parte, da enorme quantidade de informações que nos chegam cotidianamente.

Outro ponto importante é romper com o grau de importância dado aos parâmetros quantitativos que têm servido de propaganda política tanto para os governos estaduais quanto federal. Os mesmos focam, principalmente, na quantidade de alunos que vai às escolas, na quantidade de horas passadas nesses locais e na diminuição do índice de reprovação. O que se torna, frequentemente, um empecilho à construção de conhecimentos, pois essas estatísticas não levam em consideração os vários ritmos, habilidades e realidades socioeconômicas de nossos discentes.

Ao levar esses fatores em consideração, questiona-se se realmente é importante e produtivo, por exemplo, alunos universitários de cursos noturnos passarem tanto tempo em sala de aula e não terem tempo para dormir⁸, estudar e pesquisar. Guattari salienta que:

[...] convém incriminar, principalmente, é a inadaptação das práxis sociais e psicológicas e também a cegueira quanto ao caráter falacioso da compartimentação de alguns domínios do real. Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o *socius* e o ambiente. A recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isto é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. (GUATTARI, 1990, p.24).

Soma-se a isso uma tendência à superproteção ou vitimização dos alunos por parte dos pais, que são nutridos por suas próprias inseguranças, desorientações e culpas e as relações clientelistas entre muitas dessas famílias e as escolas-empresas que, para não perderem clientes, não contrariam e não avaliam contundentemente seus “alunos”. Tem-se, assim, um contexto de crise socioeducacional.

Reprovação virou um termo estigmatizado em muitas instituições de ensino e abominado quase que coletivamente, enquanto que “passar de ano” sem ter construído conhecimentos e não ter aprendido não têm o mesmo peso negativo. Se os personagens fictícios que protagonizaram o filme não tivessem errado, reconhecido suas falhas, “pagado” por elas e persistido, como teriam conseguido vencer tantos desafios?

8 Que junto a uma alimentação balanceada são fundamentais para um desenvolvimento cognitivo eficiente e equilibrado.

Sabe-se, também, que muitos docentes irresponsáveis tentam justificar suas posturas antiéticas em nome de suas condições de trabalho, de seus contracheques, de suas fadigas, etc. Por outro lado, percebe-se que, nas últimas duas décadas, dilataram-se as demandas sobre os Professores, como se esses fossem responsáveis pelo(s) desejo(s) de seus alunos e pela educação familiar que muitos pais não têm a competência e ou interesse de exercitar. Uma coisa é planejar aulas instigantes, desafiadoras e consistentes, outra é desejar pelo outro. Se Dorothy não quisesse voltar para casa, de nada adiantaria a ajuda de seus amigos, o afeto e a proteção de Glinda e a bela estrada de tijolos amarelos.

De acordo com Compyré citado por Hameline, “o caráter geral das reformas que o espírito de inovação e de progresso sugeriu à pedagogia moderna consiste em sobrecarregar o professor com todas as penas de que o aluno ficou aliviado⁹. (COMPYRÉ apud HAMELINE, 1995, p. 49).

Por várias vezes, questionei alunos dos Ensinos Fundamental e Médio da rede privada de educação, em Belo Horizonte, sobre os motivos que os levavam às escolas. Duas respostas eram quase constantes: “porque meus pais mandaram” ou “para ser alguém na vida”. Algo está, no mínimo, fora do lugar. Nesse sentido, Hernández convida a transgredir “a visão do currículo escolar centrada nas disciplinas, entendidas como fragmentos empacotados em compartimentos fechados, que oferecem ao aluno algumas formas de conhecimento que pouco tem a ver com os problemas dos saberes fora da Escola.” (HERNÁNDEZ, 1998, p. 12).

Sobre o percurso feito por Dorothy, esse possibilitou que a garota conhecesse

⁹ Acrescentaria, além dos alunos, uma considerável parcela de pais.

e construísse relações de amizade com o Espantalho que, embora inteligente, se sentia inferiorizado por não ter um cérebro, o Homem de Lata que, mesmo sensível, não se sentia bem por não ter um coração, além do Leão, que buscava coragem. Mesmo inseguros, como tinham um sonho em comum, chegar a Oz, caminharam juntos, ajudaram-se e se superaram.

Para a menina do Kansas, estar em outro mundo e conviver com realidades tão distintas, ensinou-lhe a possibilidade de amadurecer como sujeito e valorizar pessoas e aspectos do cotidiano de sua terra natal. Laplantine argumenta que:

[...] a *distância* em relação a nossa sociedade (mas uma distância que faz com que nos tornemos extremamente próximos daquilo que é longínquo) nos permite fazer esta descoberta: aquilo que tomávamos por natural em nós mesmos é, de fato, cultural; aquilo que era evidente é infinitamente problemático. Disso decorre a necessidade, na formação antropológica, daquilo que não hesitarei em chamar de “estranhamento” (*depaysement*), a perplexidade provocada pelo encontro das culturas que são para nós as mais distantes, e cujo encontro vai levar a uma modificação do *olhar* que se tinha sobre si mesmo. De fato, presos a uma única cultura, somos não apenas cegos à dos outros, mas míopes quando se trata da nossa. (LAPLANTINE, 2003, p.21).

4 Educação em Oz como Metáfora Reflexiva do Ensino Escolar

Depois de aventuras e de muita caminhada, Dorothy e seus amigos finalmente chegaram ao suntuoso castelo do Mágico de Oz. Em um primeiro momento, quando disseram que queriam encontrar o Mágico, foi-lhes obstruída a entrada, pois ninguém jamais havia visto o senhor do

castelo. Mas quando o responsável pela “portaria” viu os sapatos de rubi, as portas foram abertas.

Após muita insistência, foram recebidos por Oz. Em seu “gabinete” havia um show pirotécnico intimidador, uma decoração futurista e somente sua assustadora e enorme face era projetada em um nível bem alto em relação ao chão. O mesmo foi ríspido e grosseiro com os visitantes. Porém, como boa “aluna”, Dorothy questionou a necessidade e a incoerência de suas posturas agressivas, o que fez o mesmo ceder, dizendo que os ajudaria. Mas primeiro teriam que passar em um teste, trazer a vassoura da bruxa do oeste.

Apesar do grande desafio e do medo, partiram para a residência da bruxa. Dorothy foi capturada e correu grande risco, pois, para tirar seus sapatos, a bruxa teria que matá-la. Todavia, com a inteligência do espantalho, a sensibilidade do Homem de Lata e a superação do medo pelo Leão, a garota foi libertada e a bruxa assassinada por um jato de água.

Novamente no palácio, o Mágico os recebeu, porém ordenou que voltassem no dia seguinte, o que suscitou uma calorosa discussão. Nesse ínterim, Totó puxou uma cortina e desmascarou o mágico que, na verdade, era um homem comum, que também havia se perdido vindo do Kansas, porém viajando em um balão.

Se tomarmos o Mágico com um estereótipo de Professor, quantos não se escondem, por medo ou insegurança, atrás de comportamentos e falas “pirotécnicas”, as quais colocam em cheque seus objetivos e ainda podem mutilar psicologicamente muitos de seus alunos? Infelizmente, não são poucos os que têm exercido mais o papel de ilusionistas irresponsáveis do que de Educadores Escolares. Digo a partir de

experiências recentes como aluno, inclusive em uma instituição de “renome”. Morin lembra que:

Quantos sofrimentos e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora, no século XX! Por isso, o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica. Para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas ideias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate para a lucidez. (MORIN, 2005, p.33).

Embora mentiroso e não confiável, após ter sido desmascarado, o Mágico passou a adotar algumas posturas didáticas e acabou por ajudar os amigos de Dorothy a reconhecerem suas competências e habilidades. Primeiramente, apesar de controverso¹⁰, utilizou objetos (símbolos) para premiá-los. O espantalho recebeu um diploma de **PHD em Pensamentologia**, o Leão foi agraciado com a **medalha da Cruz Tripla da Legião da Coragem** e um **relógio em formato de coração** foi oferecido ao Homem de Lata. Ao mesmo tempo, sabiamente, Marvel enfatizou suas atitudes e conquistas, o que contribuiu para que esses se sentissem mais autoconfiantes e felizes. Para Perrenoud:

O reconhecimento de uma competência não passa apenas pela identificação de situações a serem controladas, de problemas a serem resolvidos, de decisões a serem tomadas, mas também pela explicitação dos saberes, das

10 Sem desmerecer os resultados das técnicas *behavioristas* de estímulo-resposta, o ideal seria que nossos alunos não precisassem de estrelinhas, notas, prêmios e certificados para se reconhecerem capazes. Que esses fossem apenas consequências dos processos de aprendizagem, não os objetivos principais.

capacidades, dos esquemas de pensamento e das orientações éticas necessárias. Atualmente, define-se uma competência como a aptidão para enfrentar uma família de situações análogas, mobilizando de uma forma correta, rápida, pertinente e criativa, múltiplos recursos cognitivos: saberes, capacidades, microcompetências, informações, valores, atitudes, esquemas de percepção, de avaliação e de raciocínio. (PERRENOUD, 2002, p. 19).

Em relação à adolescente, o Mágico lhe propôs voltar ao Kansas em seu balão. Porém, na hora da partida, Totó fugiu da cesta e sua companheira foi atrás, enquanto o balão ganhou os céus do mundo encantado.

A menina ficou inconsolável, nunca mais abraçaria sua tia *Em* ou seu tio *Henry*. Quando, novamente, surgiu a bruxa Glinda e lhe disse que, durante todo o tempo, desde que a calçou com os sapatos de rubi, a solução já estava em seus pés, seria necessário somente bater os calcanhares três vezes e ela voltaria para casa. Ao ser questionada por que não havia dito isso anteriormente e poupado tanta energia, afirmou que a menina deveria aprender por ela mesma.

Dorothy reconheceu que as experiências vividas e os saberes construídos durante o percurso foram muito importantes e, ao terminar a história, afirmou, repetida e categoricamente: “não há lugar melhor que nosso lar”. Contudo, é importante salientar que a tradução da palavra **lar** adveio de *home*, não de *house* (**casa**), o primeiro englobando um conjunto de valores, sensações e sentimentos que vão muito além de paredes, portas e telhados¹¹.

No caso específico do Brasil, para superar os vários obstáculos que nos separam

de realidades educacionais mais consistentes, seria necessário que a população civil, os representantes políticos e as instituições de ensino assumissem, com urgência, a responsabilidade de discenir os âmbitos públicos dos privados, passassem a obedecer mais sistematicamente às regras e leis instituídas pela própria sociedade, execrassem situações de privilégio e percebessem que há limites ambientais que devem ser respeitados. DaMatta afirma que:

Entre o “pode” com o “não pode”, escolhemos, de modo chocantemente antilógico, mas singularmente brasileiro, a junção do “pode” com o “não pode”. Pois bem, é essa junção que produz todos os tipos de “jeitinhos” e arranjos que fazem com que possamos operar um sistema legal que quase sempre nada tem a ver com a realidade social. (DAMATTA, 1986, p. 99).

Para modificar esse “sistema” e criar condições socioeconômicas mais honestas e sustentáveis, serão requeridos trabalhos em conjunto, descompartmentalizar o ensino, ter em mente objetivos claros, coragem e desejo para percorrer longos caminhos.

Efetivamente, a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão ao longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. (MORIN, 2006, p. 14).

¹¹ O conceito de lar, como de práticas culturais e ou econômicas, depende das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo. (HUNT, 2001, p. 25)

5 Uma Conclusão Inconclusa: Propostas para a uma Educação Escolar

Edgar Morin defende que:

A educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão [...] não há um estágio superior dominante da emoção, mas um eixo *intelecto – afeto* e, de certa maneira, a capacidade de emoções é indispensável ao estabelecimento de comportamentos racionais. [...] a “educação deve se dedicar à identificação da origem de erros, ilusões e cegueiras”. (MORIN, 2005, p. 19-20).

Nessa direção, termino esta inconclusa discussão com seis sugestões, mesmo que as mesmas não sejam inéditas:

- a) Desenvolver projetos claros, com objetivos, metas, metodologias e formas de avaliações eficientes¹²;
- b) Sem desprezar os tecidos sociais, incentivar os sonhos e a imaginação dos alunos, assim como a lógica e a reflexão, para que consigam pensar em estratégias éticas e possíveis para alcançarem suas metas¹³;

12 Como defende Perrenoud citado por Perrenoud (2002, p. 15-16), “a qualidade de uma formação depende, sobretudo, de sua concepção. De qualquer forma, sempre é preferível que os professores cheguem na hora certa e que não haja goteiras na sala de aula, porém uma organização e uma infraestrutura irrepreensíveis não compensam fatores como um plano e dispositivos de formação mal concebidos.”

13 Alguns psicólogos “comparam o pensamento holístico ao pensamento algorítmico, sendo um criativo e o outro racional. Ambos são necessários. Mckellar (1975), por exemplo, vê o primeiro como autor do ato criativo, sendo o pensamento racional o editor.” (WOODS, 1995, p. 133).

c) Criar estruturas educacionais mais atrativas, desafiadoras e produtivas, vinculadas a problemas e soluções econômicas, ambientais, tecnológicas, etc., para que, junto à valorização material (salarial) e social dos professores, as escolas atraiam para seus futuros quadros profissionais alunos universitários brilhantes, comprometidos e competentes;

d) Que os professores insatisfeitos com suas realidades materiais e de trabalho não utilizem esses sentimentos como desculpas espúrias para agirem irresponsavelmente perante seus deveres profissionais e sociais, tirando dos alunos a possibilidade e o direito de aprendizado¹⁴;

e) Sugere-se aos pais que têm condições de proporcionar aos filhos escolas ou faculdades particulares, que percebam que essas instituições são empresas e visam lucro e, se não modificarem suas demandas obtusas, anacrônicas e, às vezes, descompromissadas¹⁵, como o “adestramento” para o vestibular¹⁶ e a tarefa praticamente impossível das escolas assumirem seus papéis de educadores familiares, será difícil melhorar a qualidade do ensino privado no país;

14 Não se condenam aqui, por exemplo, manifestações, debates ou outras formas de reivindicações por melhores salários e condições de trabalho.

15 Mesmo que através de discursos e atitudes implícitas.

16 Percebe-se, cada vez mais explicitamente, que o mesmo deixou de existir efetivamente para a maioria das faculdades e ou universidades particulares, com exceção para alguns cursos mais concorridos.

f) Segundo Hall, (2001, p. 14-45), como as palavras são “multimoduladas” e carregam ecos de outros significados que se colocam em movimento, seria válido entender que saber acadêmico não é, necessariamente, sinônimo de sabedoria e qualificar uma graduação como curso SUPERIOR¹⁷ deixou de ser, pelo menos por si só, algo reconhecido por vários setores como eficientes e promissores do mercado. As universidades podem se tornar um gasto (não um investimento) muito caro, além de um espaço improdutivo e doloroso para alunos que possuam habilidades profissionais que não coadunam, não são desenvolvidas e não são ensinadas nessas instituições.¹⁸

Abstract

This article aims to analyze and to reflect on some general aspects of Brazil's scholarly education nowadays, although it is impossible to generalize all school areas, courses and specifications. However, from prior data, it is possible to perceive a paradoxal absence of qualified workers in many economic sectors. Both at the undergraduate level as well as at the technical level which reflects a rift between the Brazilian economic growth and its improvement of academic education. These articles also reports on the anachronical concept of “higher education” and mix up or confuse family and school's educational limits. Even if both types of education are dialectically linked, teacher social and professional roles have been dilating. Furthermore, this article to endeavor sights the importance of the ludic, self-confidence, dreams and persistence from the students during the knowledge building process, using the movie **The Wonderful Wizard of Oz** as a symbolic and methodological instrument.

Keywords: School education; Paradoxes, Challenges; Social Responsibility; Cinema.

¹⁷ Inclusive não há tradução direta para línguas como o Inglês e o Alemão.

¹⁸ O que não significa deixar de se qualificar em outras instituições ou criar estratégias variadas. A diferença de renda entre graduados e não graduados, embora ainda seja considerável, não é e nem precisa ser uma regra determinista.

Referências Bibliográficas

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FLEMING, Victor; LEROY, Mervyn. **O mágico de OZ**. [Filme]. Produção de Mervyn LeRoy, direção de Victor Fleming. Califórnia, Metro-Goldwyn-Mayer / Warner Bros, 1939. DVD, 101 min. color. son.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989. 323p.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1990.

GUIMARÃES, Sérgio; VELOSO, Fernando. A escassez de educação In: GIAMBIAGI, Fabio *et al.* **Economia brasileira e contemporânea (1945-2004)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. p. 378-399.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HAMELINE, Daniel. O educador e a acção sensata. In: NÓVOA, António (Org.) **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1995.

- HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUNT, Lynn Avery. **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MATSUURA, Lilian. **Filtro de mérito**: exame da OAB faz a seleção que escolas não fazem. 16 jan. 2008. Disponível em: <http://exameoabordem.blogspot.com/2008_01_16_archive.html>. Acesso em: 04/11/2010.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- PERRENOUD, Philippe *et al.* **As competências para ensinar no século XXI**: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PINTO, João Pereira. **Diálogo entre a literatura e a filosofia em São Bernardo de Graciliano Ramos**. Londrina: Ed. UEL, 1998.
- SOFIA, Juliana. Brasil enfrenta ‘apagão’ de mão de obra qualificada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 fev. 2010. Disponível em: <http://cristovam.org.br/portal2/index.php?option=com_content&view=article&id=3496:brasil-enfrenta-apagao-de-mao-de-obra-qualificada-1822010&catid=19&Itemid=100056>
- WOODS, Peter. Aspectos sociais da criatividade do professor. In: NÓVOA, António (Org.) **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1995.